



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13367 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT19 - Educação Matemática

EDUCAR MATEMATICAMENTE EM ENCRUZILAHADA: RASTROS DE UMA ATITUDE DECOLONIAL

Fabiana Leal Nascimento - FADEPE / PPG em Educação da UFJF

Margareth Ap. Sacramento Rotondo - UNIVERSIDADE FEDERAL JUIZ DE FORA

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMA

EDUCAR MATEMATICAMENTE EM ENCRUZILAHADA: RASTROS DE UMA ATITUDE DECOLONIAL

Resumo: Esse artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em andamento. A partir da pedagogia das Encruzilhadas, traça uma metodologia da pomba e coloca nas giras o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), no período de 2012 a 2021, em experimentação sociopoética, buscando os rastros de uma política educacional de ausências que apreende o desejo e as pulsões dos grupos minoritários negros afrodiáspóricos e afrodescendentes e nos atravessamentos desses com a sala de aula. Apostamos no mapeamento e no acompanhamento dos afetos construídos, numa experimentação com o corpo, como forma de exercício do esgarçamento das políticas e das violências afirmadas, neste campo legitimado do conhecimento acadêmico, pela apreensão da vida, da filosofia e da cosmopercepção não centro europeia e norte americana para construção de uma atitude decolonial do ser, do saber e do poder.

Palavras-chave: Guias Didáticos e Manuais Pedagógicos, Educação para as Relações Étnico Raciais, Decolonialidade, Corpo, Educar Matematicamente Macumbado.

O texto apresenta o movimento de encontro com um referencial teórico afro referenciado no processo de doutoramento. Aposta em desenvolver uma atitude decolonial do saber, do ser e do poder (SANTOS, 2019; BERNARDINO-COSTA; MALDONADOTORRES; GROSGOUEL, 2018) como contraponto a uma matemática monogenista. Traz giras iniciais que são consequências dos afetos mobilizados pelas leituras e pelas vivências na luta antirracista.

Inspira-se na potência criativa das encruzilhadas como lugar radial de centrimento e descentramento para traçar uma metodologia da pomba, numa investigação sobre rastros em um caminhar afro referenciado, que abre e fecha pontos, ao redor da política nacional do livro e do material didático e seus atravessamentos na sala de aula e em experimentações com o livro didático e seus Manuais didáticos e Guia pedagógicos.

Em nosso fazer pesquisa, um problema: Que pode uma pesquisa acadêmica que se dispõe a movimentar as forças dos ancestrais afrodescendentes e africanos, ao firmar ponto, para dar seus primeiros passos numa investigação sobre o educar matematicamente ^[1] decolonial em encruzilhada, as políticas públicas relacionadas ao livro didático do Ensino Médio e seus Guias Didáticos e Manuais Pedagógicos, a ausência de vozes e de corpos pretos, o epistemicídio e a subalternização de corpos?

Que encruzilhadas podem se abrir quando a política pública de avaliação, seleção e distribuição de livros didáticos é questionada quanto seu desempenho de aparelho de Estado regulador, opressor, subalternizador, docilizador e epistemicida? Que gira “é capaz de suscitar um tipo de subjetividade desestabilizadora que desvie do conformismo perante o racismo para a subversão, superação do mesmo e para construção de políticas radicais de igualdade racial” (GOMES, 2017, p. 129)?

Uma encruzilhada se dá: Como trazer a sabedoria e a resistência da ancestralidade afro-brasileira e africana para um educar matematicamente macumbado? Outra encruzilhada se dá: uma ciência branca, que naturaliza o extermínio ^[2], a tortura, a violência e a morte prematura (BERNARDINO-COSTA; MALDONADOTORRES; GROSFUGUEL, 2018), decide qual epistemologia é digna de se perpetuar, de ser reproduzida em livros e Guias Didáticos e Manuais Pedagógicos e de existir, reclama para si um corpo organizado, sistematizado, despotencializado, frente a corpos que nunca foram reconhecidos como corpos humanos e que seus saberes foram desclassificados e não reconhecidos.

METODOLOGIA

Propomos uma metodologia da pomba que possa riscar pontos distintos de um educar matemático macumbado. Para tanto, evocaremos a potência criadora e desestabilizadora da pedagogia das encruzilhadas, em experimentações sociopoéticas ^[3], em curso de oito encontros, com professoras e professores que lecionam matemática em escolas estaduais, numa escrevivência ^[4] de caminhos encruzados, riscando nossos pontos sobre os marcos regulatórios do Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), no período de 2012 a 2021 ^[5], e seus

imbricamentos com a mudança implementadas pelo Novo Ensino Médio (NEM), pelas Diretrizes Curriculares do Novo Ensino Médio (DCNEM), pela Resolução N° 3, de 21 de

novembro de 2018, pela Base Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC-EM) e os atravessamentos que a Educação para as Relações étnico Raciais (ERER) produzem na atuação, em sala de aula, da professora e do professor que ensina matemática no Ensino Médio.

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Até o momento, obteve-se como resultados parciais a formação de corpo-território-professora-pesquisadora e a ressignificação sobre o reconhecimento da contribuição cultural, intelectual, histórica, política e social do negro.

Um o corpo-território-professora-pesquisadora afirma-se ao longo do seu processo de doutoramento, frente a uma ciência colonial, que vê os “problemas do outro” (LABORNE, 2014), o negro, perspectivada num certo ser humano universal, no branco. Uma ética do cuidado com o outro, arromba uma ética do cuidar de si (BERNARDINO-COSTA; MALDONADOTORRES; GROSGOUEL, 2018) numa ciência proeminentemente monogenista. O corpo-território condenado à inferiorização, à indolência, à incivilidade e à morte (SANTOS, 2002) potencializa sua existência ao movimentar as forças da sua ancestralidade num fazer pesquisa afro referenciado.

A ressignificação sobre o reconhecimento da contribuição cultural, intelectual, histórica, política e social do negro se constitui a partir do destaque de algumas agendas dos movimentos identitários negros que têm sido materializadas em leis, por exemplo, a Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003) que “é interpretado como registro político que identifica nesse inciso marco legal, um divisor de histórico e político ^[6]”, (NOGUEIRA, 2014, p. 18) e em políticas de ações afirmativas. Porém, como essa materialidade se dá em sala de aula, desde a utilização dos livros didáticos nacionais, suscita o aprofundamento das investigações e das possibilidades de experimentações outras no educar matematicamente colonialmente estabelecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor uma atitude decolonial no ensino de matemática implica numa escolha política-ética-social-epistemológica diante de uma estrutura assentada no universalismo que tem como padrão de aferição o homem branco, adulto, hétero, cristão e europeu. Ao assumir que se aprende com o corpo todo, possibilita a criação de espaços outros em que o ser, o saber e o poder são subvertidos da forma corpo-subalterno-colonial para a forma de corpo-território-professora/ professor-pesquisadora/pesquisador.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, N.(org.). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018

EVARISTO, C. A Escrivência e seus textos. In: **Escrivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. org. Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Histórico. Disponível em <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/historico>. 2021. Acesso em fev. 2023

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017. 154 p

LABORNE, A. A. de P. **Branquitude e colonialidade do saber**. Revista da ABPN. v. 6, n. 13 mar. – jun. 2014 p. 148-161. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/156>. Acesso em maio 2022.

NOGUERA, R. **O ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

SANTOS, G. A. dos. A ciência das raças e a raça negra. In: SANTOS, Gislene Aparecida dos Santos. **A Invenção do Ser Negro: Um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, M. H. dos; MONTEIRO, A. M. L. Sociopoética: um método de pesquisa a favor da não-violência, dignidade e integralidade do ser humano no âmbito educacional. **Revista Semana Pedagógica**. v.1. n.1. Universidade Federal do Pernambuco: 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistasemanapedagogica/article/view/236786>. Acesso em nov. 2022

[1] Assumimos o termo “educar matematicamente” como produto de atitudes desenvolvidas por professoras e professores, que lecionam uma matemática, ou outra disciplina, que questionam uma determinada estrutura de raciocínio dado numa organização do saber matemático puramente cartesiana e positivista que não contempla a pluriversalidade, pela comunidade escolar que se organiza para resistir contra a opressão, silenciamento e ao apagamento de vidas e por todos que fora da escola se movimentam junto com as lutas decoloniais e antirracistas.

[2] A craniometria, a frenologia e a antropometria alicerçaram as bases para a desumanização do corpo negro, assegurando a criação de teorias racialistas que lançaram a pedra fundamental para escravização de africanos e de africanas (SANTOS, 2002)

[3] A abordagem Sociopoética foi criada por Jacques Gauthier em torno dos anos de 1993 a 1995, a partir da aprendizagem intercultural que fez junto ao povo Kanak na Nova-Caledônia em luta contra o colonialismo francês. (SANTOS; MONTEIRO, 2018, p.160)

[4] Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (EVARISTO, 2020, p.31).

[5] O corte temporal diz respeito as alterações realizadas para o PNLD 2012, que disponibiliza materiais digitais a usuários da educação nacional e é direcionado à aquisição e à distribuição integral de livros aos alunos do ensino médio (FNDE, 2021)

[6] Fazemos a opção política e pedagógica, baseada em Nogueira (2014), de tomar a Lei 10.639/2003 como referência para tratar da História e Cultura Afro-brasileira e Africana.